

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte	
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros	\$650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega	\$120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS			
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros	1\$500

3.º ANNO—VOLUME III—N.º 50

15 DE JANEIRO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro sr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — A reforma do estudo de Bellas-Artes, R. — Actriz Paladini, A. GAMA — Conde da Costa, H. M. — As nozes gravuras — Concurso hippico da Gollegã, S. B. LIMA — Os generaes e o campones — Bibliographia.

GRAVURAS. — Bellas-Artes, Um espartano armando-se para o combate, escultura de J. M. Rato Junior, premiada no concurso trienal da Academia das Bellas-Artes de Lisboa — Barão de Santo Angelo — Conde da Costa — Dr. Manuel José Fernandes Cicouro — Palacio da Quinta das Lagrimas, depois do incendio de 21 de Dezembro de 1879 — A actriz Celestina de Paladini Andô — Africa portugueza, Banana — Jacques Charles Deryei — Capote, touro reproductor pertencente ao sr. Antonio Vaz Monteiro — Enigma.

vista pittoresco como sob o administrativo, tendo chegado quasi a fazer do gelo um artigo de moda, um artefacto para uso de gente do bom tom. O frio começa mesmo por assim dizer, a vir nos figurinos, de forma que de aqui a pouco será quasi uma coisa indigna usar o sol. Tomar-se-ha isso como uma pratica burguesa, propria de gente sem educação e sem pelissas.

É esta a grande força de Paris; fazer d'uma

calamidade um passatempo, coisa que as outras cidades ainda não chegaram a conseguir.

Quando são victimas d'uma cathastrophe o mais que fazem é uma subscrição.

— Lisboa, n'este momento, está na posse de todos os encantos que de ordinario lhe mantém a sua fama — na provincia. Além do esplendido sol do Aterro, que varios dos seus habitantes se comprazem ainda em tomar uns dias

por outros, as cazas de espectaculos proporcionam á população todos os passatempos suggeridos pela phantasia que fingem ter.

S. Carlos, D. Maria, o Gymnasio, a Rua dos Condes, o Principe Real, o Circo, desafiam o appetite da imaginação popular por todas as fórmulas honestas promettidas pelos regulamentos, patenteados tudo o que o genio e a invenção humana tem produzido de mais elevado e de mais comico, passando por todas as gradações da phantasia, desde o *Propheta* de Mayerber até aos cães sabios de Mr. Bellonini.

Ha ainda casas de espectaculo que vão mais alem, e entram pelos dominios do bizarro e do burlesco sem restricções. *Verbi-gratia*, os Recreios e o Parlamento, aonde o preto d'olho branco e a nova fornada de pares, dão quotidianamente pasto á hilaridade publica, com os esgares funambulescos das suas attitudes imprevisitas.

E' certo, e eu sou o primeiro a reconhecê-lo, que o espectaculo da fornada tem certas qualidades que lhe dão um logar á parte no mundo da bambochata, bastando ser um espectaculo que entra na ordem das instituições para ser feito com um esplendor a que não podem chegar uns modestos empresarios sem subsidio consignado na carta. Entretanto o preto do olho branco, na ordem das coisas excentricas, não me parece menos apreciavel, se bem que seja apenas um preto theorico, tal

BELLAS-ARTES



UM ESPARTANO ARMANDO-SE PARA O COMBATE

Escultura de J. M. Rato Junior premiada no concurso trienal da Academia das Bellas-Artes de Lisboa

(Desenho do mesmo auctor)

CHRONICA OCCIDENTAL

Continuamos a escrever sob uma temperatura de oito acima de zero, fantasiando o que poderá ser esse frio polar de que tanto as chronicas de Paris como as da cidade da Guarda, nos dão conta todos os dias!

Em Paris o Senna, ora descongella ora torna a gelar, e em Traz-os-Montes acontece a mesma coisa com as auctoridades e com os rios. Os srs. coroneis mandam adiante de si um troço de soldados praticar um caminho por entre as avalanches de neve, e os lobos chegam á extremidade de vir pedir providencias aos governadores civis que respondem a estas supplicas organisando montarias contra as feras, tal qual, de quando em quando, costumam fazer contra os eleitores.

Entretanto, diga-se em abono da verdade que Paris sabe tirar mais partido da clamidade do que as auctoridades da Guarda, tanto sob o ponto de

qual muitos outros que nós conhecemos.

— As pugnas parlamentares ainda não começaram, todavia, debaixo do ponto de vista político, as rixas partidárias continuam a ser nos jornaes, o que as partes de policia dizem que as particulares são, de quando em quando, no bairro d'Alfama.

Parte do jornalismo, principalmente nos artigos de fundo, continua a achar-se intransigível. Ninguém por lá pode passar sem ir mudo de apito, e especialmente as senhoras vêem-se na impossibilidade de chegar — ao folhetim, para não ouvirem as descomposturas desbragadas que as visinhas dos andares superiores trocam entre si!

Cada tinteiro de redacção politica devia ter dentro, pelo menos, uma patrulha. Fazemos este pedido ás auctoridades constituídas em nome dos chefes de familia que ás vezes, tristes incautos, assignam para uma folha, e vêem entrar pela porta dentro um artigo de polemica de ponta e mola!

— Estamos, enfim, no pleno gozo de uma esquadra ingleza, prazer por que ha tanto tempo suspiravam todos os que, além de uma afeição profunda pela Gran-Bretanha, nutrem no fundo d'alma uma casa de roleta.

Havia quem desconfiasse de que a Inglaterra, a dominadora dos mares, depois de affrontar a senha da Russia, cansada dos desastres do Afghnistan, e da Zululandia, se não atrevesse a mandar mais couraçados ao Tejo, receiosa de perder o seu predomínio na *branca* contra a *preta*. Como se vê era uma previsão infundada, e se a *altiva Albion*, por ventura foi um momento *accommettida* por esse receio vão, o couraçado *Minotauro* ahí está para nos certificar de que a Inglaterra ainda se sente com animo de affrontar o proprio *zero* que seja!

Havia já sentimentalistas que exigiam o extermínio das cazas de jogo, como meio unico de restabelecer a confiança no animo vacilante da nossa *fiel aliada*. Realmente é levar muito longe a *diplomacia do coração*! Dir-se-ia que os couraçados inglezes são tripulados por coros angelicos e que o pavilhão que a gente supõe ser o do almirante Hood, é apenas o do archanjo Gabriel!

Que desgosto para a policia se ella, entretanto, se visse um dia obrigada a praticar esse acto de crueldade, simplesmente para salvar a bolça da *innocencia* ingleza! Sim, por que se pôde dizer da policia o que um poeta, n'um excesso d'entusiasmo, já uma vez disse da Ristori e da tragedia: — a batota e a policia morrerão no mesmo dia!

Meus caros srs. O verdadeiro é deixar mos a Inglaterra jogar á sua vontade. Quem dá o exemplo é Lord Disrael, o primeiro batoteiro do nosso seculo, logo depois de Bismark. D'outra forma a queremos impedir que ella resvalle no caminho do vicio teremos d'impedir que ella nos beba o nosso vinho e nos coma as nossas possessões.

Nós damos-lhe um magnifico sol, proporcionamos-lhe um magnifico lago para as suas esquadras vogarem como cysnes, recolhemos carinhosamente os seus filhos ébrios nos fofos arminhos das esquadras policiaes, sustentamol-a com bocadinhos da India para lhe entreter a debilidade, projectamos bailes em seu louvor, que muito é pois que os seus lobos de mar arrisquem o soldo d'um dia na *dama* contra o *rei*!

Tambem os seus estadistas apostaram pela Turquia contra a Russia e ganharam a ilha de Chipre.

Se ganharem por cá meia libra já não perdem o tempo.

— Agora que tanto se discute o futuro das nacionalidades, e que a independencia dos povos está em *jogo* — como tudo o mais, não será fora de proposito mencionar um facto que de certa forma se relaciona com a nossa autonomia, no que ella tem de mais *ruidoso* nos tempos modernos.

Só em Lisboa e seus arredores se contam cento e sessenta philarmonicas, legalmente constituídas! Não representará tão grande somma de trombones reunidos um verdadeiro pe-

nhor da nossa independencia? Não representará semelhante massa d'instrumentos de vento e de pancada, a mais solida garantia contra os designios perversos que o leão de Castella nutra por ventura a nosso respeito?...

Com cento e sessenta philarmonicas na fronteira, não ha paiz algum que tema uma invasão. Agora se vê que não tem sido improficuos os esforços que os governos de todos os matizes politicos teem empregado, quando na adversidade, para encorajar estes benemeritos da patria, servindo-se das pugnas eleitoraes para os ensinarem a acertar com o caminho da gloria, errando o compasso.

GUILHERME D'AZEVEDO.

REFORMA DO ESTUDO DAS BELLAS-ARTES

EM

PORTUGAL

O sr. Miguel A. Lupi distincto professor da nossa Academia das Bellas-Artes, acaba de publicar um plano de reforma de ensino das artes em Portugal, obra cuidadosamente elaborada e na qual se encontram muitas indicações aproveitáveis, tanto no que diz respeito á nova organização do estudo progressivo das materias artistico-litterarias que devem basear a educação do artista, como na parte relativa á organização do grupo de professores, composição de jurys, administração, museus, colleções artisticas, publicações d'obras de ensino, etc.

Não obstante concordarmos em grande parte com o projecto apresentado pelo digno professor, certas disposições encontramos de uma utilidade pratica que nos parece contestavel, como por exemplo as que se referem ao ensino da pintura a fresco e scenographia, que o sr. Lupi quer que sejam praticadas n'um theatro.

Pedimos licença para observar que tanto este ramo, como todos os outros que se comprehendem na pintura decorativa, devem ser objecto de cuidado especial, por isso mesmo que a sua applicação é mais frequente e por tanto de uma utilidade mais immediata, e que para o cultivo d'estas materias se deveria antes construir uma vasta officina, ou pateo coberto, aonde os discipulos podessem executar os seus estudos praticos nas dimensões precisas.

Tambem não nos conformamos com os limites que o sr. Lupi marca ás pensões que se devem conceder aos discipulos que vão completar os seus cursos ao estrangeiro, e cuja maxima duração no parecer do distincto professor não deve exceder o praso de tres annos.

Achamos o praso insufficiente. O atraso em que se encontra o paiz sob o ponto de vista artistico, apenas permite uma educação elementar, e em tres annos não é possivel completar uma educação artistica superior nas condições de generalisação em que ella hoje se exige!

São estes os pontos principaes em que divergimos do plano apresentado.

Entretanto, seja qual for o plano de reforma adoptado em definitivo, cremos que o plano do sr. Lupi será sempre consultado com proveito.

Deve levar-se em vista que a reforma do ensino artistico só poderá produzir resultados immediatos no momento em que abranja todas as artes imitativas, tornando obrigatorio aos actores e musicos compositores, o estudo dos rudimentos de desenho e principios theoreticos da arte, reconstruindo-se um theatro segundo os melhores modelos modernamente adoptados, concedendo-se-lhe um subsidio e exercendo sobre o conjunto scenico da obra apresentada uma fiscalisação severa.

Para complemento de todas estas medidas dever-se-ia incluir no plano de ensino geral o estudo da perspectiva applicada, como fazendo parte das materias preparatorias para os estudos superiores, adicionando-se alem

d'isso a estas a theoria do claro escuro e da côr, e principios theoreticos da arte.

São estes segundo o nosso modo de ver os meios efficazes para preparar uma geração apta a comprehender as suas necessidades e interesses artisticos, devendo observar-se que estes cursos especiaes deveriam egualmente ser facultados ás mulheres cuja educação se resume ainda nos estreitos limites dos antigos preconceitos.

É esta a parte da reforma que compete ao governo. O resto só os proprios artistas o podem realizar. Vae renascer, graças aos esforços de alguns d'elles, a Sociedade Promotora de Bellas-Artes. Parece-nos que os artistas teriam agora occasião de a tornar n'uma verdadeira associação cooperativa na accepção mais elevada d'esta palavra, destinando d'entre o numero das obras com que concorrem áquelle certamen artistico, uma cujo preço fosse convertido em acções destinadas a crear um fundo auxiliar que seria empregado em costear um *atelier*, modellos, trajos e accessorios, para serem ministrados aos artistas que apresentassem á approvação da sociedade um esboço ou plano de qualquer obra de composição, comprometendo-se a executar-a dentro de um certo praso e em condições previamente combinadas com a mesma sociedade. D'esta forma trabalhando e auxiliando-se mutuamente não só se achariam habilitados a emprehender obras de certo vulto como tambem preparariam terreno aos pensõistas que na volta do estrangeiro, por não encontrarem nas Academias um lugar de professor com o correspondente *atelier*, se vêem a braços com obstaculos quasi invenciveis, obstaculos que até hoje teem sido o segredo da falta de productividade do engenho dos nossos pintores, não obstante reconhecer-se que a sua aptidão, funcionando n'outro meio, daria o resultado que outros conseguem nos paizes em que a vida artista se acha organizada em condições regulares.

Ampliando uma disposição relativa á publicação d'obras de estudo que se encontra no plano d'ensino do sr. Lupi, terminaremos esta rapida noticia indicando algumas obras de vulgarisação artistica, quasi desconhecidas entre nós, e que nos parece util consultar antes de na reforma se attender á necessidade de crear uma bibliographia artistica. Citaremos os compendios de desenho e de perspectiva applicada publicados pela sociedade *Art-Union* da Escocia, obra do eximio professor R. Scotts Lauder, a *Theoria da perspectiva curvilinea* do mesmo auctor, tão importante para as decorações monumentaes, panoramas, ciclорamas, etc, e á qual se deve parte das reformas das decorações theatraes, como por exemplo a adopção dos pannos de fundo circulares. A parte da *Perspectiva* de Gournerie, que trata da construcção dos caixilhos para decorações de perspectiva obliqua (para scenographos) a *theoria da côr e suas disposições artisticas*, de Chevreuil, sendo preferiveis por mais completas e ampliadas as edições inglezas e allemãs. O *tratado de paisagem e estudo do natural* de Harding, o livro sobre as arvores do mesmo auctor, e os *cursos litographicos* de desenho de Bargue e Gerome.

S.

NOTAS SOLTAS

SINO QUE SE TANGE POR SI

Não acreditam? tambem a mim me succedeu o mesmo; mas por fim em vista de um documento passado com todas as formalidades legais, curvei a cabeça, e rendi-me á evidencia. O sino tocou; tangeu-se por si mesmo; ninguém lhe boliu; logo direi porque o affirmo.

Eis o caso. Corria o anno contado do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1564, reinava em Hespanha o mui prudente e piedoso D. Philippe II e em Portugal o cavalheiroso e inconsiderado D. Sebastião, e quinta feira dia das almas que se contavam 2 de novembro, presenciaram os povos de Vililla do rio Ebro, o

grandissimo mysterio que Nosso Senhor Deos lhes quiz deixar ver occularmente, para gloria e louvor do mesmo Senhor Deos e de sua bemdita madre.

Era pouco mais de meio dia, achavam-se em cima do telhado da igreja do glorioso S. Nicolau o notario Domingos de Biessa, com os Rev.ºs Mossen Domingos del Pin, Mossen Agostinho del Pin, presbyteros, Martin del Pin *teniente de alcaide*, Miguel Velledo, Bartholomeu Velledo, Coláu Garcia, Miguel de Cubeles, etc. etc. do logar de Vililla, e João Albacar Norz e Pedro Albacar, irmãos do logar de Burgazal, de presente n'aquelle, e muitas mais pessoas do povo, tanto homens como mulheres quando «dios omnipotente por su ynfinita misericordia nos quiso mostrar a todos... que biessemos ocularmente como de hecho vimos el misterio y maravilla que nuestro señor dios hizo en hazer tañer como de hecho taño misteriosamente la campana que está en la yglesia del señor san nicolau arriba a solas y sin que del señor san nicolau se llegase a tocar la dicha Perssona ninguna se llegase a tocar la dicha campana viendo lo todos sobredichos y otras muchas personas que alli estavamos presentes, etc.»

Ora pois o dito sino estava-se mui quedo e sizudo, pendente, na sua bronzea melancolia, do alto do campanario, «e que non se remouia punto a ninguno mas que si fuera una torre» quando á vista de todos começa o badallo «mui rezio» a discorrer em torno do sino fazendo um ruido mysterioso, e girando mais rapido que se fosse movido por mão de homem; de quando em quando quedava-se, e logo traçando uma cruz dava algumas badalladas, cujo som era tão espantoso, que a todos os que alli estavam presentes «parecia que se nos enderesçaban los cabellos para arriba en ver que el son de la dicha campana era tan triste y doloroso,» e muito mais quando notavam que esse som não era tal como sohia quando o sino era tangido por mão. Durou o misterio por um quarto de hora, durante o qual todos de joelhos estavam absortos, aterrados, espapaçados até: o estupor subiu de ponto, quando ao parar-se de tocar se viu o sino a tremer «muy rezio como quando a un hombre le toma una temblacion,» e que durou tanto tempo como a qualquer a benzer-se, e então calou-se o sino ficando todos espantados! Pudera! não que até a mesma penna se endereça arriba ao recontal-o! Decorrida apenas uma hora, e entre a uma e as duas da tarde começou de novo o sino o seu exercicio á vista de todos, senão que d'esta vez, nem o som era tão lamuriante, nem as pancadas tão tristes, nem se demorou tanto tempo no seu mysterio; gastaria então meio quarto de hora, mas não consta que d'esta vez se erriçasse o pêlo a ninguém.

A nova expandiu-se; perdão, a nova não senhor, porque segundo, diz o documento, parece que aquelle sino lhe tinha ficado a balda ou das bexigas, ou a herdara dos avós, por isso que já de outras vezes tinha desatado a tocar sem ninguém lhe encomendar a himbalhada; em todo o caso á noticia do novo mysterio accorreu gente, e subiram mais para cima do telhado o mui nobre e mui magnifico senhor don Antonio de Funes y de Villalpando, senhor da baronia de Quinto, o mui magnifico senhor Adriano Comor, infanção, e Gonçallo de Arbiestro, criado do dito D. Antonio. Em attenção, naturalmente a tão distinctos personagens, renovou-se o mysterio entre as duas e as tres horas da tarde. Tornou o badallo a dar as suas voltas ao sino, e renovou de quando em quando o seu movimento em cruz dando golpes e badalladas tambem; d'alli a algum tempo quando o badallo quiz parar, deu então tres badalladas juntas, (talvez quizesse mimosear com ellas os tres novos personagens) e por tres vezes se quedou e desandou uma corrida vertiginosa á roda do sino, terminando de cada vez com tres badalladas rijas no mesmo tom em que dera as tres primeiras. Em todo este espaço que foi de um quarto de hora, se viu que o badallo ficava mais caído, que habitualmente, obra de uma mão grande e que quando assigalava ou batia as taes tres pancadas era para

o lado do sol oriente. Mysterio incomprehenivel!

Não parou porém aqui o extraordinarioe maravilha d'aquelle dia para sempre memoravel. Imaginemos que rezas, que terços, que orações não ergueriam todo o dia e noite os povos de Vililla ao Altissimo, á Virgem Santissima, e ao senhor S. Nicolau! e como se não deitariam compungidos, devotos e traspassados de santidade e de alegria catholica aquelles felicissimes e distinguidos burguezes! A frieza do tempo que vai passando já nos não deixa comprehender, nem sequer imaginar a impressão que poderiam causar em animos religiosos tão reboantes signaes da misericordia divina. Consta que n'aquelle dia nem se dançou em Vililla, nem se deu um bofetão sequer, nem se gastou outro vinho senão o das missas! Deitou-se pois toda aquella gente e dormindo e resupinos jaziam, porque n'aquelle noite nenhum rapaz, se atreveu a ir ver a sua querida, quando entre as 11 e a meia noite, começou o sino a tocar de novo, algum tanto mais rapido que das outras vezes. E' escusado dizer que o notario Domingos de Biessa ou ficou lá ou foi immediatamente para cima do telhado, e assim tambem o João Albacar, o Pedro Albacar, o Miguel Velledo, etc. etc. e então o sino, como era noite, e a noite excitada á tristeza e melancolia, prolongou mais o seu ressoar por uma boa meia hora, e sentindo então mais fundo o *delicioso pungir de acerbo espinho*, aprimorou o seu som, e o soltou mais plangente e triste que até alli.

Todos estavam atonitos e turbados, e, como havia já documentos de outros factos e proesas semelhantes do mesmo sino, lavrou o dito notario Domingos de Briessa instrumentos que se enviaram para differentes partes fazendo conhecer *urbiet orbi* tão profundo e augusto mysterio! A nossa Torre do Tombo foi brindada com um d'esses documentos.

Nós hoje *degenerados, tibios fieis* nem percebemos porque é que se achava aquella gente toda sobre o telhado, nem admittimos já coisas d'estas sem programma e annuncio previo em letras gordas pelas esquinas, nem comprehendemos como possa trazer louvor e gloria a Nosso Senhor e a sua Santa Madre, e dar augmento e confirmação á nossa santa fé catholica o toque de um sino, ainda que por si se tanja. Não o entendiam porém assim os fieis do seculo XVI.

Querendo completar a noticia, expedimos para Vililla telegramma, com resposta paga, afim de nos informarmos se o sino ainda conservava o mesmo costume, mas ainda não recebemos informações. Talvez algum carlista já lhe deitasse a unha.

Simple chronista porém, relatamos o facto com todo o respeito que merece, e se alguém duvidar d'elle, ou da nossa verdade, pôde certificar-se d'um e d'outra procurando o instrumento publico que o authentica na Torre do Tombo. Gav. 2.º maço 10, n.º 8, onde o encontrará em castelhano um pouco arvesado.

JACINTHO PERES.

CONDE DA COSTA

É facil, é grata a tarefa do biographo quando por dever de officio lhe cabe dar noticia da vida e feitos de um d'aquelles raros cidadãos, que, pelo seu character immaculado, pelos seus serviços relevantes, por todos os seus actos enfim, constantemente subordinados aos santos principios da honra e da dedicação pelo interesse do publico, obteriam sem contestação, n'outras epochas e n'outro estado de civilização, as honras do triumpho ou da ovação em vida, bem merecem nos nossos tempos da homenagem de um publico necrologio, infelizmente não rara prodigalisada, por obediencia ou estímulo á curiosidade do vulgo, a tantos para quem a sombra protectora do esquecimento seria bastante e bem cabida ou ainda benevolente recompensa.

É o que nos succede no caso presente.

José Guedes de Carvalho e Menezes fallecido em Lisboa em 10 de dezembro de 1879 não era só um homem hon-

rado, um cidadão inoffensivo ou apenas util, um empregado obediente ou apenas zeloso no cumprimento dos seus deveres e obrigações legais; na sua carreira como militar e como funcionario publico encontram-se frequentes casos assignalados por alguns d'aquelles factos memoraveis e serviços relevantes que são pontos de contacto entre a biographia do cidadão prestante e a historia coeva do seu paiz.

É o que clara e incontrovertidamente se conclue da succinta noticia biographica que em seguida damos ao leitor.

José Guedes de Carvalho e Menezes nasceu no solarengo da sua familia na quinta da Costa nas circumvisinhanças da villa de Amarante em 19 de maio de 1814.

Em 18 de abril de 1834, com 20 annos de idade apenas, dava já as primeiras provas de desinteresse e dedicação pela causa politica e de conhecimento e respeito das verdadeiras conveniencias d'ella, rompendo desassombradamente com os naturaes preconceitos e repugnancias de uma familia, por força de posição e convicções ligada á causa da supposta legitimidade, assentando praça no Porto no regimento de cavallaria 6, e acompanhando na sua marcha para Coimbra o exercito libertador.

Como praça d'este regimento entrou durante a campanha em todos os combates em que elle tomou parte, distinguindo-se muito especialmente na batalha da Asseiceira, em virtude do que foi condecorado com o habito da Torre Espada.

Finda a campanha contra a usurpação, pediu e obteve licença para continuar na Universidade de Coimbra os estudos especiaes da sua profissão, e alcançando n'aquelle estabelecimento scientifico o grau de bacharel na faculdade de mathematica.

Em 1846 sendo tenente de cavallaria, e achando-se na disponibilidade, porque franca e desassombradamente espousara a causa sympathica do partido progressista, foi espontaneamente investido pelos seus conterraneos no commando de um grupo de forças populares que o seu amor pelos verdadeiros interesses da causa liberal o levou a aceitar, entrando por esta forma na revolução popular conhecida pelo nome de Maria da Fonte.

Em 1847 apresentou-se á junta do Porto, cuja causa serviu como ajudante de ordens do general marquez de Sá da Bandeira. Das narrativas authenticas e nunca contestadas d'esse tempo, de testemunho repetidas vezes publicamente prestado do proprio marquez de Sá consta que foram os seus ajudantes, José Guedes de Carvalho e Menezes e seu irmão Vasco (hoje governador geral de Angola) que, na celebrada acção de Valpassos, com imminente perigo de vida, e por acto de inexcedivel valor lograram salvar a vida e a liberdade do inclito e arrojado general.

Recolhendo ao Porto logo que alli chegou o general Povos foi collocado ás ordens d'este, situação em que serviu até ao fim da lucta, merecendo sempre dos officiaes, sob cujas ordens serviu manifestas provas de estima e confiança, e publico elogio.

(Continúa).

H. DE MACEDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM ESPARTANO ARMANDO-SE PARA O COMBATE

A estatueta reproduzida em gravura na nossa primeira pagina constitue a prova do alumno J. Moreira Ratto Junior, apresentada no concurso triennial da Academia das Bellas Artes de Lisboa.

Já do mesmo auctor reproduzimos, ha pouco, o *rapaz rufando n'uma panela*, estatueta que tanto agradou no Brazil, aonde foi adquirida por Sua Magestade a Imperatriz.

O *Espartano armando-se para a guerra*, revela qualidades em extremo apreciaveis, se bem que a attitudé da figura não corresponda talvez rigorosamente ao thema proposto. Entretanto denota excellentes qualidades de modelação e a musculatura é tratada com vigor e mestria, embora a expressão phisonomica não se harmonise talvez com o assumpto.

Entretanto ha n'este trabalho a manifestação d'um bom talento e é de crer que os poderes officiaes incitem sem delongas no proseguimento da sua carreira o moço artista, enviando-o ao estrangeiro a praticar nos grandes centros aonde só é possível o desenvolvimento das boas vocações como esta parece ser.



BARÃO DE SANTO ANGELO

Fallecido em 29 de Dezembro de 1879 (Segundo uma photographia)



CONDE DA COSTA — Fallecido em 10 de Dezembro de 1879
(Segundo uma photographia do sr. Sollas)



DR. MANUEL JOSÉ FERNANDES CICOURO

Fallecido em 14 de Dezembro de 1879



PALACIO DA QUINTA DAS LAGRIMAS, DEPOIS DO INCENDIO OCCORRIDO EM 21 DE DEZEMBRO DE 1879
Segundo uma photographia do sr. Santos mandada tirar expressament()

BARÃO DE SANTO ANGELO

Manuel d'Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo, fallecido em Lisboa no dia 29 de dezembro ultimo, era um dos mais assignalados escriptores brasileiros, um dos que mais se distinguiram no movimento romantico, que tantos trabalhadores illustres contou não só em Portugal como no Brazil.

Como poeta deixa livros apreciaveis taes como *Colombo* e as *Brazilianas*, inspiradas nas grandezas naturaes e nas tradições historicas do novo mundo. O romance e o drama tambem tiveram n'elle um cultor distincto: o *Annel Magico* e os *Voluntarios da Patria*, são obras d'alto preço, sufficientes para demonstrarem as altas qualidades do espirito que as concebeu e da penna que as traçou.

Manuel d'Araujo Porto Alegre nasceu na cidade do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, a 29 de novembro de 1806.

Foi lente da escola militar do Rio de Janeiro, e entre outros trabalhos de grande iniciativa pessoal empreheudu a reforma da escola das Bellas Artes d'aquella cidade. Entusiasta do bello em todas as suas manifestações, estudou architectura e pintura na Italia e na França, deixando n'este ramo alguns trabalhos de subido valor, sufficientes para atestarem um pulso vigoroso e uma inspiração ardente.

Exerceu muito tempo em Berlim o cargo de consul do Brazil, e n'esta cathogoria foi transferido para Lisboa em 1867. O imperador distinguio-o com uma estima especial, e entre os dois trocou-se por muitos annos uma correspondencia affectuosa e fraternal, d'uma intimidade espirital que não esmoreceu um só momento.

Soldado fiel e denodado da velha phalange litteraria, a que as letras deveram tão vigoroso impulso, batalhador d'essa já rareada legião que deixou no mundo do espirito um fundo rasto da sua passagem, as novas gerações devem saudar no seu fcaminho o feretro em que vae abysmar-se na noite da sepultura para começar a refulgir no ambiente da posteridade, essa cabeça veneranda

THEATRO DE D. MARIA II



A ACTRIZ CELESTINA DE PALADINI ANDÒ
(Segundo uma photographia do sr. Lieure de Turin)

d'onde a chama do talento rompeu tão cheia d'esplendor no seu meio dia glorioso!

É o que o OCCIDENTE faz n'este momento, certo de que cumpre apenas um dever.

O DR. CICOURO

Falleceu a 14 de dezembro ultimo este vulto distincto da classe ecclesiastica do nosso paiz. Tanto a igreja luzitana como a instrucção lhe devem assignalados serviços, e por isso o OCCIDENTE lhe dá o merecido logar na galeria dos homens que deixam no mundo, ao passarem, um rasto d'essa luz que não se apaga de todo no tumulo e que sobrevive sempre, d'alguma forma, no espirito da humanidade.

O dr. Cicouro nasceu na freguezia de S. João Baptista na villa de Penas Roias, diocese de Bragança, nos 10 de novembro de 1879. Matriculou-se no 1.º anno juridico da Universidade em 1814, e tomou o grau de bacharel em 20 de maio de 1818. Em julho do mesmo anno foi nomeado professor proprietario da cadeira de philosophia e rhetorica da villa d'Arganil, e em 1821 foi-lhe conferido o grau de doctor em canones, habilitando-se opositor ás cadeiras da mesma faculdade em 1822. Em 1823 foi nomeado membro da commissão da fazenda da Universidade e em 1824 promotor fiscal do estado e fazenda da mesma Universidade.

Em julho de 1827 foi apresentado em um beneficio da collegiada de santa Eufemia de Penella da ordem d'Aviz, e em 1842, encarregado como vigario geral apostolico do governo da archidiocese d'Evora. Em 1 de julho de 1847 foi nomeado desembargador ordinario da relação e curia patriarchal e logo depois apresentado pelo governo em um canonicato na Sé de Lisboa.

Quando o patriarcha D. Guilherme em novembro de 1854 se dirigiu a Roma, ficou fazendo parte da junta provisoria encarregada do governo do patriarchado. Em julho de 1855 foi nomeado provisor e vigario geral interno do mesmo patriarchado.

O governo havia premiado os seus revelantissimos serviços á instrucção e á egreja, com a commenda Aviz e o habito de Christo.

O dr. Cicouro foi proprietario e redactor do *Portugal Velho*, folha que occupou logar honroso na velha im-



AFRICA PORTUGUEZA. — BANANA (Segundo uma photographia do sr. Moraes)

prensa periodica. Homem de tempera antiga, não recusou nunca os princípios em que fôra educado, as suas convicções theologicas na politica, não o inibiam de ser como educador e christão um homem perfeitamente humano e muito do nosso tempo. Fundou e dirigiu por muitos annos o melhor collegio de Lisboa, collegio que tomou o seu nome, e foi conhecido como um dos melhores do seu tempo e d'onde receberam a primeira educação alguns dos homens publicos contemporaneos mais conhecidos no paiz. N'esse collegio educou gratuitamente por muito tempo mais de 80 alumnos.

A memoria d'este serviço bastaria, se não fossem outros para o assignar ao respeito dos contemporaneos como um homem que tendo o culto do passado soube honrar o sacerdocio da igreja e o da humanidade.

PALACIO DA QUINTA DAS LAGRIMAS

Uma triste cathastrophe destruiu na noite de 21 de dezembro ultimo, uma das vivendas mais celebres de Portugal pela legenda poetica e pelas recordações historicas que a ella estavam ligadas.

Rebentara um incendio no palacio da quinta, situada nos arredores de Coimbra á margem do Mondogo, e pertencente ao digno par do reino Miguel Ozorio Cabral. Dentro em poucas horas a casa que encerrava tantas preciosidades historicas, accumuladas no andar dos tempos, era apenas um enorme montão de ruinas fumegantes. Conseguira salvar-se, a livraria, a capella, e ainda outra casa, mas a maior parte do edificio ficara completamente aniquilada com muitos objectos raros que continha, entre os quaes varias peças de prata do seculo XVI d'um inapreciavel valor artistico.

Quem não conhecia a quinta das lagrimas? Raro será o forasteiro que uma vez empreendendo uma excursão pelo paiz, não visitasse a encantadora estancia, cantada na lyra de tantos trovadores.

Todos os reis, principes e grandes personagens que nos ultimos tempos passaram por Coimbra, sendo o ultimo o imperador do Brazil, se demoraram alguns momentos n'aquella estancia encantadora.

AFRICA PORTUGUEZA — BANANA

A localidade representada na nossa gravura é situada na costa do Loango, na Africa Occidental, na extremidade da margem direita da foz do rio Zaire.

Na altura d'esta ponta chamada a Banana, termina a serra que corre parallelamente á beira mar. Como se vê é um local extremamente pittoresco, e d'uma certa importancia commercial.

Como este muitos outros pontos d'um aspecto originalissimo se encontram nas nossas regiões d'além mar, até hoje tão despessadas debaixo de todos os pontos de vista.

Pela nossa parte diligenciaremos tornar-as conhecidas, quanto mais não seja pelo curioso aspecto da paisagem.

JACQUES CHARLES DERRIEY

O OCCIDENTE presta hoje homenagem a uma celebridade estrangeira que não deve ser esquecida, principalmente porque as preciosas faculdades do seu espirito se exercitaram n'uma especialidade a que as publicações da indole da nossa tanto devem: — a arte typographica.

Jacques Charles Derriey, nasceu em 17 d'agosto de 1808, em Moisey (Jura.) Depois d'uma educação rudimentar, deixou bem depressa a escola pela officina. Foi primeiro aprendiz de compositor em Besançon, começando ali a revelar a sua sede de saber, manifestando uma grande aptidão para o desenho e para a gravura que principiou a cultivar com extrema paixão.

Dirigiu-se a Paris, e entrou na casa de Pierre Didot. A sua applicação ao trabalho e ao estudo bem depressa o fizeram notado, conseguindo em breve tornar-se um emulo dos mais conhecidos especialistas da gravura de caracteres typographicos.

Bem depressa montou uma officina propria, de gravura e fundição, e depois, em 1839, começou unicamente a gravar para o seu estabelecimento que prosperava com rapidez, graças a uma vontade energica e perseverante.

Entre muitas das suas invenções figura o novo systema de caracteres para a impressão da musica, o mais eloquente testemunho d'uma vontade acostumada sempre a triumphar. Teve necessidade d'aprender musica aos quarenta annos e aprendeu-a, a fim de melhor realisar a sua concepção.

Quasi todas as modernas exposições da Europa e da America conferiram a Derriey diplomas d'honra e medalhas d'ouro, e em 1863 o governo francez nomeava-o Cavalleiro de Legião d'Honra.

Poder-se-ha fazer uma idéa da somma de trabalhos em gravura produzidos pelo infatigavel artista dizendo-se que das suas officinas saíram cerca de dez mil ponções, passando d'esta cifra o numero das matrizes gravadas, compreendendo muitas vinhetas d'ornato.

Qualquer que seja a nacionalidade d'estes luctadores benemeritos devemos-lhe sempre a homenagem do reconhecimento, registrando o seu nome de fôrma que elle fique como testemunho de que, mesmo de longe, não ficamos indifferentes ás conquistas gloriosas do progresso que tanto honram a solidariedade humana e artistica.

A *Associação Typographica Liabonense*, entendendo-o assim, vae n'uma das suas proximas sessões inaugurar solemnemente o retrato de Jacques Derriey.

O TOURO CAPOTE

Eis aqui um magnifico exemplar d'um d'esses fillos das lezírias, que tanto entusiasmo provocam nos circos thauromaticos do peiz nas quentes tardes de verão, dando o espectáculo d'uma lucta heroica mas ingloria em face d'um publico ofegante, a quem ainda apraz esses torneios mais proprios da idade media do que do nosso tempo.

O touro *Capote* é um bom exemplar reproductor pertencente ás grandes manadas do lavrador do Ribatejo, o sr. Antonio Vaz Monteiro. Tem uma historia este possante animal. Foi pelo denodado amator, o sr. Carlos Relvas, um dos mais briosos cavalleiros do nosso Sport farpeado em hastes, no meio do campo, da Gollegã, não conseguindo apesar da rapidez da sua carreira desfeitar nunca o dextro cavalleiro.

O touro *Capote*, como reproductor, apesar de ter cerca de seis annos, conta já uma prole que promete egual-o em elegancias de fôrmas, senão em bravuras, porque é certo que tudo se civilisa. Um bello dia, não muito longe, os proprios touros terão deixado de marrar, sem que por isso a agricultura, experimente com essa *mansidão* uma grande perda.

A ACTRIZ CELESTINA DE PALADINI

Á parte as recommendações banaes e benevolas do noticiario, raras vezes nos ultimos tempos se tem pensado na arte dramatica em Portugal. Em sua burocratica sabedoria os proprios governos entenderam ha annos votar ao abandono o que elles na opulenta linguagem official chamam o Theatro Normal portuguez, e as boas graças officiaes e particulares, voltaram-se de preferencia para o genero Offembachiano de que os altos poderes do estado são até certo ponto os inspiradores.

Por isso quando ultimamente uma notavel actriz estrangeira, se propoz a representar no idioma portuguez no theatro de *D. Maria II* houve um certo movimento de curiosidade no publico, provocado por esta audacia imprevisita e inexplicavel. O theatro encheu-se na noite da primeira representação, e o exito, correspondeu ao arrojado da tentativa. Em perto de vinte recitas consecutivas da formosa comedia de Sardou, a *Dora*, o publico tem testemunhado á sr.^a Celestina de Paladini, o apreço que lhe merece o seu notabilissimo talento, sentindo-se pelo ruidoso das ovações quotidianas que a distincta actriz obteve mais alguma cousa do que um successo de curiosidade e um mero triumpho convencional; ganhou uma victoria á força de talento.

A sr.^a Celestina de Paladini é uma actriz de notabilissimas qualidades dramaticas. Foi primeira dama da companhia d'Ernesto Rossi e com o celebre tragico fez quasi todo o percurso da America do sul, partilhando das mais ruidosas ovações ao lado do extraordinario interprete de Shakespeare.

Depois percorreu ainda a America do sul, com uma companhia organisaada por sua propria conta, representando, de volta para a Europa, em Lisboa aonde obteve as mais ruidosas ovações de que uma artista entre nós por ventura se tem gloriado. Volveu ainda segunda vez a Portugal, perdeu em Lisboa sua mãe, e esta triste fatalidade prendeu-a mais á terra aonde desde essa data ficava cavada uma sepultura querida. Pensou então em fazer-se artista portugueza, trocando as ovações dos theatros de Milão, Veneza, Roma e Florença,

pelas modestas victorias dos theatros portuguezes. Devemos-lhe ser gratos por isso.

Na sua qualidade d'estrangeira, n'um theatro d'um paiz estranho, a sr.^a Paladini não pôde certamente ser uma professora de lingua, pôde entretanto animar a scena com os impetos do seu temperamento artistico, communicar a chamma sagrada ás outras figuras, imprimir movimento á acção, e estimular o brio dos seus novos confrades na arte.

Toda a gente sabe que é a um francez, Emilio Dour, que o moderno theatro portuguez deve o seu renascimento, e os mais notaveis dos nossos actores contemporaneos as melhores lições.

Em quanto á maneira por que a sr.^a Paladini conseguiu em cerca de tres mezes de estudo representar n'uma lingua estranha, sem que o accento da pronuncia estrangeira prejudicasse o effeito da declamação, chega quasi a constituir um assombro. Basta este facto para deixar antever que o theatro portuguez conta desde hoje com uma actriz de talento que não exercerá uma influencia esteril nos destinos da nossa arte dramatica.

ALBERTO GAMA.

CONCURSO HIPICO NA GOLLEGÃ

(Conclusão)

Está inscripto no Alcorão, cap. 35 e 48.

«Não esqueças ó crentes que o cavallo é um animal sagrado.

«Quem o maltratar injustamente merece ser do mesmo modo tratado.

«Quem o carregar com peso superior a suas forças, seja carregado com o mesmo peso, morra muito embora.

«Quem o matar a pancadas, fadiga ou á fome soffra egual pena.

«Ó povo arabe, povo altamente cavalleiro evitae toda a casta de sevicias para com este animal, que eu privilegiei de esforçado animo e bastante intelligencia para vos servir a vós, e por vós a mim.

«São as sevicias que o tornam rebellão, vicioso e mau.

«Vigiae com todo o cuidado vossas cavalleirias. Vigiae ainda que vossos cavallos sejam bem tratados. Flagelae o escravo que os moleste por qualquer modo que seja.

No capitulo 29, do Alcorão jura-se pelo nome do cavallo:

«Eu juro pelos cavallos, por estes nobres corseis amados d'Allah!

Estes corseis de pés pequenos, e ondeantes crinas.

Que bebem fogo e devoram o espaço,

Que aventam em nuvens de poeira o chão que pisam,

Que transportam fogosos e ardentes o audaz guerreiro, abrindo caminho atravez inimigas columnas,

Que transportam mansos e fieis, vossas mulheres bem amadas,

Eu juro, por estes nobres animaes, que Allah vos concedeu para satisfação de vossas necessidades e vossos prazeres.

Que Allah vos prohibe maltratar,

Eu juro por elles — o homem é ingrato para com o seu Senhor.»

«Um dia de ventura é reservado áquelles que adoram e temem Allah — jardins, ribeiras deliciosas, admiraveis corseis (cap. 6).

«Os que forem bons crentes terão no paraíso (além de deleitosas e formosas houris) cavallos d'uma belleza sem par (cap. 48).

Estes são, entre outros, os versiculos do Alcorão que dizem respeito ao cavallo.

O Alcorão é o livro da lei, o codigo dos preceitos religiosos e civis, que regem a sociedade islamica. O cavallo que assim é n'elle e por elle considerado e favorecido, não pôde deixar de ser em similhante sociedade: — *cavallo arabe*, brilhante alfaraz, o soberbo corseil:

De pés pequenos e ondeantes crinas,

Que bebe fogo e devora o espaço

Que avanta em nuvens de poeira o chão que pisam.

Mas além do Alcorão existe a *Souna* ou tradição, livro em que se acham recopiladas as doutrinas transmitidas de viva voz pelo profeta; e aqui ainda o cavallo arabe é tido em maior favor e consideração.

O profeta disse:

«Os bens d'este mundo até ao dia de juizo, estarão suspensos das crinas que andam entre os olhos de vossos cavallos.»

«Se Deus te der entrada no paraiso, terás ali um cavallo de rubis provido de azas, que voará até onde tua vontade o ordenar.»

«O crente que apparellhar seu corsel á guerra santa, de modo que n'ella brilhe e se torne famoso, — o suor, pellos, urina e o excremento de um tal corsel serão postos no prato da balança das boas obras no dia do juizo final.»

«Cada grão de cevada que derdes a vossos cavallos, é uma boa obra n'este mundo, e valer-vos-ha uma indulgencia no outro.»

«Qualquer de vós que não possa cumprir todos os deveres religiosos, se por ventura sustentar um bom cavallo para a guerra santa, esteja certo que todos os peccados lhe serão perdoados.»

«Tanto vale aos olhos de Deus o tempo gasto em tratar e pensar um bom cavallo, como o jejum de um dia inteiro seguido da vigilia e oração de toda a noute.»

«Aquelle que possui um cavallo arabe, e o estima e honra, será por Deus estimado e honrado.»

«Aquelle que possui um cavallo arabe, e o despreza, será por Deus desprezado.»

«*Eblis*, o espirito damnado, o demonio negro, fugirá do homem que montar cavallo de nobre raça, e da casa que a este der gasalhado.»

«Só ha tres espectaculos a que, n'este mundo, os anjos assistem: aos affagos e caricias amorosas do marido e mulher, ás corridas dos cavallos, e aos jogos guerreiros.»

«O ventre da egua é um thesouro, seu dorso um lugar de honra.»

«Se ha cousas que se devem ter, e devam ser boas, são: mulher, casa e cavallo.»

«Ao cavalleiro pertence, se monta em bom cavallo árabe, na presa feita ao inimigo, tres quinhões, dois pelo cavallo, e um por elle.»

Assim tudo respira aqui na palavra do profeta, a maior estima e consideração pelo cavallo, e pelo cavallo de nobre raça, levado a altura de instrumento da propagação da fé islamica, da remissão de peccados, de esconjuro de maus espiritos, e instrumento emfim de gosos e bem aventuras n'este e n'outro mundo.

Mahomet, foi pois, no dizer de bons hippologos, quem apurou o cavallo oriental (*Equus caballus asiaticus*) em raça arabe distincta, tal como se conhece hoje fazendo tambem intervir as corridas para esse apuramento, — que elle proprio se empenhára n'ellas com cinco cavallos seus — *Sakk, Sabhab, El-Bahr, Zarib e El-Lizaz* — levando-o mais de uma vez o entusiasmo pela victoria alcançada a ir ao meio do Halbeh (hippodromo) a acariciar os corseis vencedores; limpando-lhes com a manga de seu vestido o suor que os banhava, e invocando sobre elles e sua progenie as benções de Allah!

E a benção de Allah estendeu-se não só sobre os brilhantes alfarazes do profeta, mas por sobre outros mais famosos ainda que constam do nobiliario hippico dos arabes, e que apuraram e qualificaram a sua produção equina constituindo-a uma das primeiras e mais primorosas raças do mundo, cujos individuos ainda hoje realisam a ficção poetica do profeta: correm, voam sem azas, vencendo na carreira o semi-volatil abestruz e desenvolvendo uma energia e uma força de folego que não é caso estranho vel-os correr em tres dias a fio com legoas, bem medidas, sem que offequeiem e deem signaes de bem visivel estazamento, como o affirma Abdel-Kader.

Veloz, ardêgo, aturador, rijo e sobrio, eis pois o que é o cavallo arabe: *pode mais que a fome, pôde mais que a sede*. Assim o cantam os poetas arabes.

O halito divino com que Deus o bafejou no dizer do profeta, deferiu-lhe a mais uma intelligencia superior á commum da especie. Provas d'esta intelligencia e de sua estremada dedicação pelo homem, infinitas ha. Affirmam historiadores de credito, que quando um cavallo é ferido na peleja e já não pôde sustentar o cavalleiro sae fóra do logar para pôr este em segurança. Se o cavalleiro é derrubado, o bravo *Koclani* (que assim se denominam os mais finos cavallos arabes) fica ao pé d'elle e não cessa de relinchar em quanto não chega soccorro. Lamartine conta nas suas viagens á Palestina a historia d'um cavallo arabe, o de Abou-el-Masch, que vendo seu dono ferido e manietado pelo inimigo teve arte de desatar-lhe os laços, abocal-o pela cinta de couro que o cingia, e deitando a fugir com elle direito ás tendas da tribu, foi depol-o aos pés da mulher e filhos, salvo de todo o risco de vida, mas com sacrificio da sua, expirando exausto de forças por tão sobrenatural e sublime esforço. «Toda a tribu o chorou, os poetas o cantaram, e seu nome anda ainda hoje na bocca de todos os arabes de Jericó.»

Portanto, o cavallo *Vencedor* (luso-arabe) pertencente ao sr. Carlos Relvas, correndo-lhe já nas veias o sangue da nobre raça oriental que a lenda arabe tanto exalta, é de crer que não venha a desmentir nas funcções a que é proposto as peregrinas qualidades d'aquelle sangue.

O sr. Carlos Relvas e o sr. conde de Sobral são hoje no Ribatejo quem mais tem infundido nas suas caudelarias sangue oriental, na forma do cavallo arabe e inglez, e obtido por isto productos de fama que contam triumphos esplendidos nos hippodromos de toda a peninsula (Portugal e Hespanha).

São benemeritos criadores hippicos.

S. B. LIMA.

OS GENERAES E O CAMPONEZ

(Conclusão)

— Hontem, leu com voz commovida um dos generaes, houve jantar de gala, em casa do honrado governador da nossa antiga capital. A mesa era de cem talheres e servida com luxo inaudito. Os productos de todas as partes do mundo, tinham por assim dizer, dado ponto de reunião n'este festim magnifico. Via-se ali a tructa pescada nas aguas do Chelrsna e o habitante das florestas do Caucaso, o faisão. Havia morangãos o que no mez de Fevereiro representa um raro phenomeno no nosso clima septentrional...»

Basta! por Deos! Vossa excellencia não pode descobrir outro assumpto? exclamou com desespero o outro general; e tomando o jornal das mãos do companheiro leu o que segue:

Escrevem-me de Toula:

«Hontem por occasião da pesca d'um esturção no ribeiro Oupa, (os habitantes mais idosos não conservam memoria d'acontecimento semelhante, tanto mais extraordinario que este esturção, offerencia uma semelhança flagrante com o commissario de policia B. .) O club da nossa cidade deu um banquete. O heroe da festa foi servido sobre um immenso prato de madeira. Estava rodeado de pequeninos pepinos e segurava na bocca um grande ramo d'ervas aromaticas.

O presidente do club, providenciou cuidadosamente para que todos os convivas tivessem um bom quinhão. Os molhos eram variadissimos, mesmo a ponto de tocar a excentricidade.

— Permitta, v. ex.ª, bradou o outro general, interrompendo o companheiro, mas parecê-me que tambem escolheu o assumpto com pouco discernimento.

Tomando em seguida o jornal leu o que segue.

Escrevem-nos de Vialka:

«Um dos antigos habitantes da nossa cidade,

inventou a seguinte receita original para preparar a sopa de peixe. Toma-se uma lampreia viva, bate-se bem, e em quanto o figado engrossa pela influencia da dôr...»

Os generaes baixaram a cabeça. Tudo o que liam se referia a manjares. Os seus proprios pensamentos conspiravam contra elles, pois que não obstante os esforços que empregavam para expulsar a imagem do *roastbeef*, essa imagem reaparecia voluntariamente, impondo-se aos seus espiritos de uma maneira irresistivel.

De repente uma inspiração acudiu ao general, que tinha sido professor de calligraphia.

— O que diria o general se nós porventura encontrássemos um camponez?

O que quer dizer? Como assim? Um camponez?

Sim, simplesmente um camponez, tal qual são de ordinario os camponezes russos. Immediatamente elle nos forneceria pãesinhos e apanharia em nosso logar peixes e gallinholas.

Hum!... mas como o havemos de encontrar se não ha aqui nenhum!...

Não ha nenhum? Ha camponezes por toda a parte. Trata-se apenas de lhe dar com a toca. Seguramente está escondido para evitar o trabalho.

Este pensamento deu coragem aos dois generaes. A tal ponto que olvidando os seus males, ergueram-se como que impellidos por uma mola e pozeram-se a procurar o camponez.

Caminharam muito tempo pela ilha sem resultado algum, mas por fim um aroma acre de pão e de cebo de carneiro ordinario, indicou-lhes a pista. Junto d'uma arvore dormia, deitado de costas, apoiando a cabeça nas mãos, um camponez enorme, fugido ao trabalho da maneira a mais descarada.

A indignação dos generaes não teve limites. Avançaram para elle exclamando:

— Tu dormes, vadio! Nem sequer te dá cuidado que dois generaes estejam aqui a morrer de fome ha quarenta e oito horas! depressa, marcha, ao trabalho!

O camponez levantou-se. Compreendeu que os generaes não brincavam. Teria querido escapar-se mas elles seguravam-n'o bem.

Começou portanto a trabalhar. Em primeiro logar subiu a uma arvore e colheu para os generaes uma duzia das mais bellas maçãs. Para si apanhou apenas uma das mais verdes e das peiores.

Em seguida poz-se a cavar na terra e encontrou logo algumas batatas. Tomou duas achas de lenha, esfregou-as muito uma contra a outra e accendeu o lume. Em seguida, do seu proprio cabelo fabricou um laço e caçou uma gallinholas. Depois fez iguarias tão variadas que os generaes chegaram a consultar entre si se porventura seria justo dar um bocadinho a semelhante vadio.

Os generaes divertiam-se em observar o trabalho do camponez e os seus corações pulsavam jubilosos. Esqueceram-se até de que iam quasi morrendo de fome na vespera, e murmuravam: «Na verdade é muito bom ser general, encontra-se sempre uma saída.»

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Fere a má palavra mais do que a espada afiada.

— Os meus generaes estão contentes? perguntava o inutil camponez.

— E' com satisfação que consideramos o teu zelo, responderam elles.

— Então daes licença que descanse?

— Sim, amiguinho, mas primeiro fabricanos uma corda.

O camponez colheu immediatamente algum linho, molhou-o, bateu-o, torceu-o e a corda appareceu feita.

Com esta corda os generaes ataram muito bem o camponez a uma arvore para que elle não fugisse, e depois deitaram-se a dormir.

O dia succedeu, depois outro. O camponez tornou-se dextro a ponto de saber ferver a sopa no concavo das proprias mãos.

Os generaes estavam cada vez mais gordos, repletos, alegres e galhardos.

Principiaram a calcular que se achavam livres de todas as despezas e que entretanto em S. Petersbourg, o soldo se lhes ia accumulando sem cessar.

— Ora que pensa v. ex.^a, diz um dia um general, ao outro, ao almoço: a construcção da Torre de Babel teve realmente logar ou não passa de uma alegoria?

— Penso que teve realmente logar. D'outra fórma como explicar no mundo a diversidade de linguas?

— Assim, acredita tambem no diluvio?

— Certamente. D'outra fórma como explicar a existencia de animaes antediluvianos? Tanto mais que se falla d'elles na *Gazetta de Moscow*...

— Se nós dessemos uma vista de olhos por essa *Gazetta*?...

Foram procurar o numero do jornal, assentaram-se á sombra, leram do principio ao fim a descripção da maneira porque se tinha comido em Moscow, comido em Toula, comido em Ponza, comido em Riazan, e a leitura não os encommudou como d'antes.

No fim d'algum tempo, todavia, os nossos generaes principiaram a aborrecer-se. Pensavam cada vez mais nos cozinheiros que tinham deixado em S. Petersbourg, chegando mesmo a derramar algumas lagrimas em silencio.

— Que farão n'este momento na rua de Podiatcheskaia, meu amigo? perguntou um d'elles.

— Não me falleis n'isso. O meu coração está triste! replicou o outro.

— Está-se muito bem aqui. Não ha razão de queixa; mas segundo diz a sabedoria das nações, não é boa para o homem a solidão. O carneiro não póde passar sem a ovelha. Depois falta-me o meu uniforme.

— E a mim, tambem. Só pensar nos bordados d'elle produz tonturas.

E principiaram a atormentar o camponez para que elle os conduzisse á rua de Podiatcheskaia.

O camponez, de mais a mais, conhecia aquella rua, tinha lá estado, havia lá bebido hydro-mel e cerveja até fartar.

— Mas nós somos generaes da rua de Podiatcheskaia! gritaram os dois alegremente.

— Pois sabeí que todas as vezes que tendes avistado um homem suspenso no exterior de

— Podeis estar tranquilos, meus generaes, o mar conhece-me. E preparou-se para a viagem. Reuniu pennas de cystne e estendeu-as no fundo do barco. Feito isto deitou sobre ellas os generaes, fez o signal da cruz e poz a embarcação em movimento.

Quantas vezes os generaes tiveram medo das tempestades e dos ventos, durante a viagem quantas vezes injuriaram o camponez por causa da sua falta de geito, não cabe nos limites d'uma simples descripção.

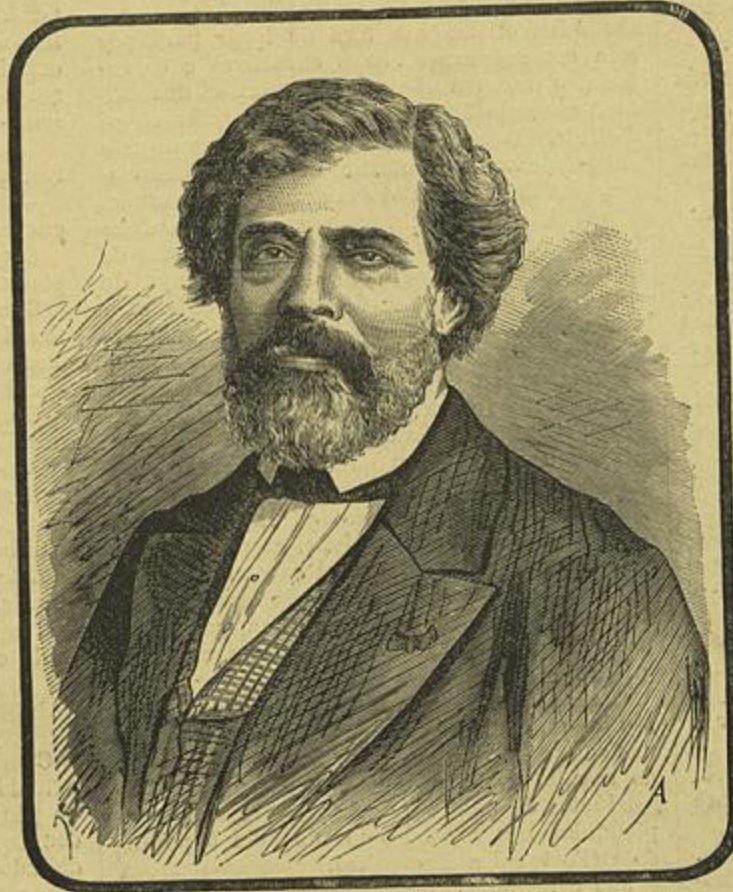
Entretanto o camponez ia remando sempre, nutrindo os generaes com areques.

Emfim, chegaram ao velho Neva, e eis que avistaram o famoso canal de Catharina e logo a grande rua Podiatcheskaia!

Os cozinheiros bateram as mãos de contentes, tornando a ver os seus generaes, gordos, rochunchudos, luzidios e galhardos.

Os generaes tomaram o seu café, fartaram-se de pequeninos pães doces e vestiram os seus uniformes. Dirigiram-se ao Thesouro, e o que elles trouxeram de dinheiro é impossivel mencioná-lo n'um conto e descrevel-o com a penna!

Entretanto não esqueceram o camponez. Mandaram dar-lhe um copinho d'aguardente e uma moedinha de cobre. Regala-te, selvagem!



JACQUES CHARLES DERRIEU

uma casa, com um pote de tinta dependurado n'uma corda, pintando as paredes ou passeando pelos telhados como uma mosca, esse homem era eu!

E o camponez procurava a maneira por que havia d'agradecer aos dois generaes tão grande



CAPOTE — Toiro reproductor pertencente ao sr. Antonio Vaz Monteiro (Segundo uma photographia do sr. Carlos Relvas)

testemunho de benevolencia que elles lhe conferiam, não mostrando desprezo pelo seu mister. E construiu um navio, ou para melhor dizer uma barca, nas condições de atravessar o mar e dar fundo junto da rua de Podiatcheskaia.

— Toma entretanto conta, não nos afogues patife, bradaram os dois generaes.

O POSITIVISMO. — Revista de philosophia dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos. Segundo anno, n.º 1.

Mais d'uma vez temos encarecido o merito assignalado d'esta publicação notabilissima, certamente a de mais caracter scientifico que presentemente se publica em Portugal. Uma publicação que honra os editores que a mantem e os talentosos escriptores que a collaboram. Aconselhamos a sua leitura a todos os estudiosos, a todos os que se interessam pelos progressos do espirito humano, de que esta revista é um commentario valiosissimo. O fasciculo que temos presente encerra excellentes escriptos do sr. Theophilo Braga, Consiglieri Pedroso, Augusto Rocha, Julio de Mattos, Teixeira Bastos, e outros trabalhadores infatigaveis a quem a orientação do espirito moderno vae dia a dia devendo em Portugal serviços assignalados.

— Recebemos mais.

MOMENTOS D'OCIO. — Prosa e verso do sr. Cunha Cardoso, livro publicado no Porto, pela livraria Chardron. É um livro que pode ser lido com agrado por grande numero de leitores. A prosa é correcta, os versos são innocentissimos. Nem uma cousa nem outra levantará controversias d'escola.

HYGIENE DAS CRIANÇAS.

— Este livro editado pela empresa das Horas Romanticas, e escripto pelo sr. Branco Rodrigues, tem recebido os gabos da imprensa; cremos que os merece.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6 Rua do Thesouro Velho, 6